

## A PROSÓDIA NAS GRAMÁTICAS PORTUGUESAS

Maria Helena Mira Mateus  
DLGR – FLUL

Quando me propus fazer uma incursão nas gramáticas portuguesas, em busca do conceito de *prosódia* e do que nele se incluía, não imaginei que me estavam reservadas algumas surpresas que iriam abalar convicções explicitadas em outras ocasiões. Essas surpresas respeitam não só ao tratamento dos factos prosódicos, mas também à existência de numerosas gramáticas filosóficas do português. Afinal, a moda da *gramática filosófica, racional* ou *razoável* também existiu em Portugal e no Brasil, e Jerónimo Soares Barbosa não está tão isolado como supunha.

A minha busca iniciou-se pela consulta da *Historiografia Gramatical (1500-1920)* da autoria de Simão Cardoso (1994) e teve em conta a *Bibliografia Selectiva da Língua Portuguesa* publicada por Azevedo Ferreira em 1989. Para épocas posteriores recorri às gramáticas e aos estudos de fonologia bem conhecidos. Desde já afirmo que este contributo não pretende ser exaustivo, antes deve ser encarado como um modo de pôr em causa simplificações abusivas que todos fazemos sobre o imenso trabalho dos que nos antecederam.

E começo por notar um pequeno pormenor: nos autores dos 1430 títulos recenseados por Cardoso (1994), que incluem estudos diversos sobre o português e outras línguas realizados em Portugal e no Brasil entre 1500 e 1920, apenas se encontram quatro mulheres – a primeira, Inácia Xavier, escreveu uma *Arte de Bem Falar*, em 1647, que não chegou a ser impressa; três séculos depois, Berta Valente de Almeida publicou, em 1916, uma *Gramática prática e muito elementar da lín-*

*gua portuguesa*. Luisa Ey, nos anos de 1913 e 1920, foi autora de gramáticas portuguesas em francês, inglês e alemão; e a celebrada Carolina Michaelis de Vasconcellos publicou, entre outros estudos, um religioso *Milagre do Verbo. Introdução e Lições de Filologia da Universidade de Coimbra (curso de 1917-18)*. E é tudo.

Da análise que fiz dos títulos acima referidos, dois outros aspectos me pareceram de interesse, um respeitante ao século 18 e outro ao século 19.

Quem percorreu a literatura do século 18 não desconhece a permanência, nessa época, de certas características gongóricas como o gosto pela metáfora e pela exuberância decorativa, cultivado na Arcádia e nas Academias, as manifestações finais do barroco e a influência do rococó. Muitos destes aspectos se reflectem nos estudos gramaticais da época. Repare-se nos seguintes deliciosos títulos:

*Arte de eloquencia portugueza ou jardim retorico esmaltado de cinco flores* (1731)

*Pequena bica da fonte Aganipe donde corre a sintaxe* (1732).

*Delicioso jardim de Rhetorica, tripartido em elegantes estancias, e adornado de toda a casta de flores da eloquencia* (1750)

As preocupações pedagógicas com o ensino da língua (sobretudo para educação da nobreza) reforçam-se no século 18 e mantêm-se no 19. São elas que dão jus ao surgimento de obras como:

*Cartapacio de syllaba, e figuras, conforme a ordem dos mais cartapacios de grammatica, ordenado para melhor commodo dos estudantes.*(1738)

*Syntaxinha Ericeiriana para uso dos drs. D. Fernando e D. Henrique de Menezes, filhos do sr. D. Luis Carlos de Menezes, conde da Ericeira.*(1740)

*Methodo facilissimo de aprender Grammatica.*(1743)

*Antídoto grammatical, balsamo preservativo da corrupção da língua latina, ou curioso descobrimento dos principaes erros, barbaridades, e inchoerencias do novo methodo para aprender a dita lingua, etc.*(1750)

*Novo methodo ou arte das necessidades, offerecido aos que cursam nas escolas das mesmas, pelos curiosos da grammatica mais corrente. Expedida na officina secreta do cano real, na travessa dos Agachados, junto ao beco dos Espremidos.*(1752)

*Enfimidades da lingua e arte que ensina a ensurdecer para melhorar.*(1759)

*Guerra grammatico-critica, declarada por dous professores a um, ou o arguente das conclusões atacado e desatacado, que para divertimento do publico dá à luz à sua custa João Dubeux.*(1807)

*Novissima grammatica da lingua portugueza, accommodada ao systema actual da instrucção publica, cujos exemplos formão o resumo da historia portugueza.* (1854)

*Compendio da grammatica portugueza, exposta em verso para se decorar com mais facilidade, etc.*(1856)

Deve notar-se que não é muito consolador o apreço que mostra, pelos professores de língua, Jerónimo Soares Barbosa, o mais conhecido autor de uma gramática filosófica do português. Escreve ele sobre o ensino da gramática: "As regras mesmas da boa pronúnciação e escriptura devem entrar no ensino da Grammatica, para emendar muitos vicios que os mestres da primeiras lettras, pela maior parte idiotas, não são capazes de corrigir." Esperemos que a leitura da gramática filosófica os tornasse mais sabedores. Além disso, Barbosa tem ideias claras sobre a hierarquia de importância dos erros gramaticais: "Em um homem bem creado releva-se mais, e é menos vergonhoso, um erro de syntaxe, que um erro de pronúnciação ou de orthographia, porque aquelle póde nascer da inadvertencia, estes são sempre effeitos da má educação".

Referidas as preocupações pedagógicas, lembre-se agora que é também no século 18 que se detecta a emergência do espírito crítico e do racionalismo lógico, surgindo então as primeiras gramáticas filosóficas que regularmente aparecerão, em Portugal e no Brasil, até cerca de 1870. Na primeira que encontrei, de Bernardo de Lima (1783), a Grammatica Philosophica é definida como "hum'a collecção de Leis, com que arrazoadamente fabricamos, e dispomos os sons, que communicão aos outros os nossos conceitos." E tem justificação porque "todos os homens nascerão para a Sociedade, a todos os homens fez

nascer o Sapiientissimo Creador com os mais necessarios sons (de que trata a Grammatica), signaes (de que trata a Orthographia), ou accenos (de que trata a Pantomima), para com elles se poderem communicar reciprocamente, e viverem em companhia”.

Para Soares Barbosa o estudo gramatical não tem a mesma justificação metafísica, mas é um estudo científico: “A *Grammatica* (que quer dizer *Litteratura*) não foi ao principio outra coisa senão a sciencia dos caractéres, ou *reaes*, representativos das coisas, ou *nominaes*, significativos dos sons ou das palavras. [...] A parte *mechanica* das linguas, em que primeiro se trabalhou, tem duas observações. Uma sobre os sons articulados, tanto simples como compostos, que entram na composição dos vocabulos; e outra sobre os caractéres litteraes, adoptados pelo uso para servirem de signaes dos mesmos sons, e seus depositarios na escriptura. D'estas duas considerações sobre o physico dos vocabulos nasceram as duas partes mais antigas da Grammatica. Uma de *boa pronunciação* e leitura, chamada *Orthoepia*, e outra da sua *boa escriptura*, chamada *Orthographia*.”

Os títulos destas obras incluem termos como *filosófico*, *racional*, *razoável*, *gramática das gramáticas*, *gramática geral*, *gramática analítica*, *teses da gramática*, e constituem a seguinte lista:

João de Sousa Pinto de Magalhães (1780) *Grammatica Philosophica da lingua portugueza* (seg. Inoc. não chegou a ser publicada)

Fr. Bernardo de Lima e Melo Bacelar (1783) *Grammatica philosophica e orthographia racional da lingua portugueza, para se pronunciarem e escreverem com acerto os vocabulos d'este idioma*. (o verdadeiro nome deste autor é Fr. Bernardo de Jesus Maria).

Manuel Pedro Tomás Pinheiro e Aragão (1812) *Memorias curiosas para a grammatica philosophica da lingua portugueza, compostas e arranjadas para uso dos alunos*.

Silvestre Pinheiro Ferreira (1813) *Prelecções philosophicas sobre a theoria do discurso e da lingua, em a esthetica, a diceosyna e a cosmologia* Rio de Janeiro.

João Crisóstomo do Couto e Melo (1818) *Grammatica Philosophica da linguagem portugueza*. Lisboa: Na Impressão Régia.

Jeronimo Soares Barbosa (1822) *Gramatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios da Grammatica Geral applicados à Nossa Linguagem*. Lisboa: Tip. da Academia Real das Sciencias.

Lourenço Trigo de Loureiro (1828) *Grammatica razoavel da lingua portugueza, composta segundo a melhor doutrina dos grammaticos antigos e modernos de diferentes idiomas*. Rio de Janeiro.

P. Antonio da Costa Duarte (1829) *Compendio de Grammatica philosophica da lingua portugueza, escolhido pela congregação do Lyceu do Maranhão para uso do mesmo Lyceu, etc.* Maranhão.

Antonio Camilo Xavier de Quadros (1839) *Grammatica Philosophica, para uso dos seus discipulos e de quem mais a quizer*.

João Nunes de Andrade (1841) *Grammatica elementar da lingua portugueza por systema philosophico*. Lisboa: Tipog. A.S.Coelho.

*Regras de Grammatica Portugueza, segundo os principios da Grammatica Universal de Mr. Court de Gebelin e de Mr. L'abbé Sicard.*

João Daniel de Sines (1849) *Extracto racional de grammatica geral, ou metaphisica das linguas*.

Daniel Ferreira Pestana (1849) *Principios de Grammatica geral applicados à lingua portugueza, publicados e offercidos à mocidade de Goa*. Nova Goa.

Francisco Ferreira de Andrade Junior (1850) *Grammatica das grammaticas da lingua portugueza ou principios ou preceitos compilados dos mais acreditados auctores que sobre este assumpto teem tratado até o presente, e explicados de modo a serem comprehendidos por pessoas de todas as intelligencias*. Lisboa.

José Joaquim da Silva Pereira Caldas (1850) *Principios elementares de grammatica geral applicados à lingua portugueza: ou methodo philosophico de aprender esta lingua com facilidade*. Braga (seg. Inoc. ficou a publicação suspensa por dificuldades de impressão)

Manuel Pinheiro de Almeida e Azevedo (1860) *Compendio de philosophia racional, contendo a psychologia empirica, a ideologia, a grammatica e a logica*.

Manuel Soares da Silva Bezerra (1861) *Compendio de grammatica philosophica, por ...*(nota de Inoc. "o auctor seguiu principalmente a doutrina de Jerónimo Soares Barbosa")

Raimundo Câmara Bettencourt (1862) *Epítome da grammatica philosophica da lingua portugueza*. Rio de Janeiro. (nota de Inoc. "No prefacio explica o auctor como pretendeu seguir uma vereda nova, não se limitando, como outros, «aos tratadinhos de palavras que estão em moda, com as novidades de algumas subtilezas e argucias»")

Adriano Guinet (1865) *Grammatica analytica da lingua portugueza*. Rio de Janeiro.

Alexandre José de Melo Morais (1869) *Grammatica analytica da lingua portugueza, ensinada por meio de quadros analyticos, methodo facilimo para aprender a lingua*. Rio de Janeiro.

M.A. Maciel (1887) *Grammatica analytica baseada nas doutrinas modernas satisfazendo às condições do actual programa*. Rio de Janeiro.

Francisco Solano Pereira de Campos (1807) *Thezes da grammatica portugueza. Systema pinheirense, que, recitada a oração de abertura do trigesimo segundo curso da Academia Orthográfica Portugueza, auxiliando João Pinheiro da Cunha, sustentará ...*Lisboa

Outros estudos gramaticais contemporâneos denominam-se nova gramática, arte de gramática, gramática extraída dos melhores autores, dos melhores clássicos, gramática para uso dos meninos, da infância, da instrução primária, das escolas primárias, dos liceus (1ª referência 1860). E destinam-se a diversos grupos de alunos, como o indicam os títulos do método micaelense (para ensino da lingua francesa), (da gramática) para a mocidade rio-grandense, lisbonense, para os brasileiros, para os de Angra; para uso das escolas militares, dos sargentos, dos alunos do Colégio de Lamego (1816), da mocidade de Goa. Uma *Grammatica parda*, publicada por Brito Aranha no Diário de Notícias em 1871 será, eventualmente, a da língua portuguesa falada por "mulatos" (?). E no fim do século, sem coragem para fazer obra de fôlego, Joaquim Luís Soares em 1882, publica umas *Observações vagas sobre a grammatica da lingua portugueza*.

A partir das últimas décadas do século 19 alguns aspectos da língua mais específicos começam a interessar os gramáticos. Na bibliografia acima referida detectei, pela primeira vez, os termos *Fonética* em 1863, *Linguística* em 1880, *Semântica* em 1903 e *Teoria da Linguagem* em 1905. Surgem por essa época as gramáticas descritivas e intuitivas (estas últimas sobretudo no Brasil).

A Ortografia foi, como ainda hoje é, motivo de preocupação desde os primeiros gramáticos. Segundo João de Barros, para os latinos ela constituía uma das quatro partes da gramática. Nos séculos 17 e 18 continua a ocupar um lugar da maior importância nos estudos gramati-

cais. Durante o século 19 aviva-se a discussão sobre alternativas à escrita tradicional, como se pode confirmar pelas seguintes obras:

João Crisóstomo do Couto e Melo (1818) *Orthographia philosophica da linguagem portugueza*. Lisboa

J.A. de Sousa (1853) *Escritura repentina. Nova tentativa de revolução orthographica*. In "O Instituto".

Francisco Xavier Calheiros (1866) *Escrepta sem letras ou novo systema d'escrepta syllabica*. Inventada por Francisco ... Porto.

Piero Gato (c.1920) *Ortografia fonetica da lingua lizo-brasileira*. Bahia.

E surgem, então, as disputas sobre acordos e desacordos ortográficos (relacionados com discussões filológicas) como a que ficou célebre entre Cândido de Figueiredo e José Leite de Vasconcellos.

V. C. de Figueiredo (1891) *Tosquia de um grammatico dedicada aos filologos mirandezes, aos criticos extremelhos e aos boticarios de Palmella*.

J. Leite de Vasconcellos (1891) *O Galho depenado. Replica às "Caturrices" philologicas do sr. Candido de Figueiredo*.

C. de Figueiredo (1892) *O golpe de misericordia. Execução litteraria de Zé Filólogo Leite de Vasconcellos, accusado de varios delitos contra a grammatica, o bom senso e a salubridade publica* (segundo Inoc. a obra saiu com o pseudónimo de J. Caturra Junior).

Alexandre Fontes (1912) *Galhos depenados (a questão da orthographia)*.

Reformas ortográficas não são exclusivas do nosso tempo. João de Deus, o pedagogo com preocupações sociais, tinha uma opinião definida sobre a matéria, de acordo com as declarações do filho, João de Deus Ramos:

"[Ao organizar o *Diccionario Prosodico*, João de Deus] reconheceu que a transformação d'uma lingua é um facto colectivo, tornando baldadas todas as tentativas que tenham por fim a immediata uniformisação e simplificação orthographica, embora partam d'uma grande auctoridade ou mesmo d'uma academia. Por exemplo, basta

lembrar o insucesso do *Diccionario da Academia Real das Sciencias* (que se não pode concluir por serem irreductiveis as opiniões de diversos socios d'aquella douta aggremação) e o da *Orthographia Nacional* de "Gonsálvez Viana". Esforços inúteis! Como o tinham sido já, remotamente, as *Regras geraes, breves e comprehensivas, da melhor orthographia* pelo Pe Bento Pereira, '-approvedas por varões peritissimos, e publicadas, com todas as licenças necessarias, em 1666'.

Isto prova, à saciedade, que só o espírito público nacional pode supprimir, substituir e alterar os caracteres da escripta, pondo-a em correspondencia com a língua fallada. De resto, os trabalhos dos doutos, dos que procuram precipitar os acontecimentos, e não se limitam a esclarecer o assumpto, resultam apenas em augmentar as fórmulas de escrever, estabelecendo a confusão das graphias, passando, estas, a considerar-se, todas, auctorizadas" (*Prosódia portuguesa – Estudo prévio da ortografia*, 1909, pp. 87-88)

Depois deste excursão, eis-nos finalmente chegados à *Prosódia* de que progressivamente nos fomos aproximando. É isto porque, não raro, os caminhos da ortografia e da prosódia se cruzam na palavra dos antigos gramáticos. Sendo impossível consultar todos os estudos gramaticais sobre o português em busca de uma referência, mesmo discreta, à palavra ou ao conceito de prosódia, fiz a seguinte selecção:

Procurei, na bibliografia consultada, os títulos que incluíam a palavra *prosódia* e que se estendem do século 17 ao 19. Nas obras a que tive acesso, de entre as listadas a seguir, colhi informações distribuídas por esse três séculos:

Afonso Correia (1635) *Prozodia*. Lisboa. (?)

Bento Pereira (1666) *Regras geraes, breves e comprehensivas da melhor orthographia, com que se podem evitar erros no escrevr da lingua latina e portugueza, para se ajuntar à Prosodia*. Lisboa.

Abraão Meldola (1735) *Nova Grammatica portugueza, dividida em seis partes, a saber: 1ª Orthographia. 2ª Etymologia. 3ª Syntaxe. 4ª Prosodia. 5ª Louvores da lingua. 6ª Miscellanea*. Hamburgo.

P. Jeronimo Emiliano de Andrade (1845) *Regras da prosodia e da orthographia da lingua portugueza*. Lisboa.

Carlos Afonso (1889) *Ensino pratico-analogico da prosodia e orthographia*. Lisboa ?



A. Luzes (1896) *O guia phonologico ou regras de phonetica, prosodia e orthographia*. Rio de Janeiro.

Antonio do Espirito Santo Ramos (1899) *Leis de prosodia portugueza colhidas da arte de leitura de João de Deus*. Lisboa.

A.T. (1903) *Estudo da lingua vernacula contendo o ensino methodico de etymologia, prosodia e orthographia*. Rio de Janeiro.

João de Deus Ramos (1909) *Prosódia portuguesa – Estudo prévio da ortografia*. Lisboa.

Não pude consultar todas as obras acima referidas mas as que compulsei foram paradigmáticas das perspectivas coevas. Seleccionei ainda, para consulta, os primeiros gramáticos, algumas gramáticas filosóficas (com relevo para a de Soares Barbosa) e, para cobrir o período desde 1920 até ao presente, escolhi alguns autores que considero representativos, em Portugal e no Brasil, dos estudos gramaticais realizados sobre o português.

A primeira definição de *prosódia* surge em João de Barros que afirma que "Os latinos partem a sua Gramática em quatro partes: em Ortografia, que trata da letera; em Prosódia, que trata da sílaba; em Etimologia, que trata da dicção, e em Sintaxis, a que responde a construção. À imitação dos quais (por termos as suas partes), dividimos a nossa Gramática". E prossegue: "Sílaba é uma das quatro partes da nossa gramática que corresponde à Prosódia, que quer dizer acento e canto".

A integração do estudo da *sílaba* na *prosódia* é habitual nestes autores, assim como a análise do *acento*. Em Meldola (1735), numa obra feita em modo de pergunta do mestre e resposta do discípulo, inquire o Mestre: "Que cousa he a prosodia?" Ao que o discípulo responde: "Prosodia geralmente explicado vem a ser a medida do tom ou bem dos Accentos, ensinando sobre que sillabas devemos pouzar, levantar ou fixar a voz, attentando por aly quaes syllabas sam longas e quaes curtas ou breves".

Um terceiro facto prosódico vem pois acrescentar-se à sílaba e ao acento: o *tom*. Mas para Meldola, a *prosódia* abrange também aspectos da tradução, a concordância nos sintagmas e nas frases e a ordem das palavras. Esta é sem dúvida a definição mais lata que encontrei.

Para Soares Barbosa (introdução datada de 1803, e publicação póstuma em 1822), o termo de *ortoepia* é preferível ao de prosódia:

"A *Orthoepia* [...] comprehende não só o conhecimento dos sons fundamentaes, que fazem como que o corpo dos vocabulos, mas tambem o das modificações musicaes de que os mesmos são susceptiveis, relativas ou ao canto e melodia chamadas *accentos*, ou ao compasso e rhytmo, nascidas da quantidade das syllabas. Esta parte musical da *Orthoepia*, ou *boa pronunciação*, tem o nome de *Prosodia*, da qual o maior numero dos grammaticos fizeram uma das quatro partes da Grammatica, desdenhando ainda os primeiros principios da boa pronunciação ou leitura, e incluindo-os na mesma Prosodia. [...] O nome de *Orthoepia*, que damos a esta primeira parte da Grammatica, é mais proprio e accomodado a caracterisal-a que o de *Prosodia*."

Nos capítulos VI e VII trata Soares Barbosa especificamente da prosódia, explicando a natureza fisiológica dos factos prosódicos: "Os sons fundamentaes, assim vogaes como consoantes, formam-se todos no canal da bocca, onde só se articula e fórma em vozes o som informe e confuso da glotte, pelas differentes porturas immoveis da bocca [...] As modificações prosodicas, porem, [...] tem outro orgão, que é o da glotte em que se termina o tubo inferior da trachea arteria". Compare-se esta explicação com a que dão Calou e Leite, em 1990, sobre a natureza dos elementos prosódicos: [trata-se de elementos da fala] "cuja descrição não se faz em termos dos movimentos dos articuladores, mas sim, em termos da ação dos músculos respiratórios que aumentam ou diminuem a energia do fluxo de ar, ocasionando durações, frequência fundamental e intensidade diferentes das vibrações sonoras".

A distribuição do estudo da prosódia em Soares Barbosa faz-se como segue: "Das modificações prosodicas acrescentadas aos vocabulos; e 1º das que nascem da quantidade. Das modificações prosodicas acrescentadas aos vocabulos ; e 2º das que nascem do *accento*".

Temos portanto aqui um quarto facto prosódico: a *quantidade*.

João Nunes de Andrade, em 1841, na parte consagrada à prosódia da sua gramática "por sistema philosophico", apresenta a etimologia do termo justificando a sua íntima relação com o acento: "é uma parte da Grammatica, que nos ensina o som, com que devemos

pronunciar as palavras: esta palavra é composta das duas palavras Gregas *Pros*, e *Odos*; *Pros* val o mesmo que a palavra Latina, *Ad*, e *Odos* val o mesmo que a palavra Latina, *Cantus*; de sorte que ambas juntas fazem este sentido *Accentus*, mudando o o em -e- e o -a- em e, isto é *accento* do tom e modificação da voz na pronuncia das palavras".

Cento e cinquenta anos depois, Isabel Pereira, em 1992, refere a mesma origem do vocábulo: "Prosódia é um termo que vem do grego *προσοδία* (formado pro *προσ* pros, junto, e *οδή* odé, canto). Tal etimologia atribui a prosódia a significação de melodia que acompanha o discurso e, na língua grega, mais precisamente, o acento melódico que o caracteriza."

Nas últimas décadas do século 19 e no início do século 20 as definições de prosódia, embora frequentes, vão restringindo o seu escopo:

Azevedo refere na sua *Grammatica Nacional* (1880), que a prosódia é a parte da gramática que trata dos diferentes sons com que se pronunciam as palavras, e assim trata a pronúncia das vogais, das consoantes e dos ditongos, da sílaba predominante e das regras ortográficas.

No *Curso de Grammatica Portugueza* de David e Mendes (1891) (discípulos piedosos do pedagogo João de Deus) a parte da gramática consagrada à prosódia trata o alfabeto – que tem letras vogais e invogais – cabendo-lhe ainda analisar alguns aspectos respeitantes aos ditongos, sílabas e letras. Nesta obra, aliás, são constantes as confusões entre escrita e pronúncia, som e significado.

Para A.T. (1903), "a *prosódia* ensina a pronúncia correcta das palavras, e divide-se em duas partes distintas que são a *fonologia* [que ensina a representar e pronunciar os sons] e a *acentuação* [que ensina a dar maior ou menor duração às vozes que constituem palavras de mais de uma *syllaba* como *sábia* / *sabia* / *sabiá*].

Finalmente em 1910, Coelho de Carvalho faz um comentário à *Prosódia e Ortografia* de João de Deus, e define poeticamente a prosódia dizendo que "fallar é tocar um instrumento de musica, o mais perfeito de quantos harmonios teem sido inventados." E prossegue: "Distingue-se, portanto, na *syllaba*, e consequentemente na palavra, não somente o som, que é como que o corpo, mas ainda o que a esse corpo dá vida, – a sua *prosodia*, as *necessarias* condições movimen-

taes da sua exteriorisação – ou sejam, as inflecções, e a medida do tempo da pronunciação (quantidade) e o accento que tonalisa a voz. [...] O accento consiste na intensidade d'esta; a quantidade na sua duração."

A partir daqui são brevíssimas ou mesmo inexistentes as referências à prosódia como uma parte da gramática. A *Gramática de Português* de Martins Sequeira (1938) apenas fala da Fonética ou Fonologia. Moraes Barbosa (1965 e 68) descreve a sílaba, o acento e a entoação sem os integrar num capítulo dedicado à prosódia. Em Bechara (13ª ed., 1969) a prosódia, incluída na parte dedicada à Fonética, está definida como "a parte da fonética que trata da correcta acentuação e entoação dos fonemas [sendo a sua] preocupação maior o conhecimento da *sílaba predominante*, chamada *tónica*." Não há um estudo dos factos prosódicos, nem regras que se apliquem a qualquer um deles.

Na *Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha (1970) (tal como na de Cunha e Cintra, 1984) a palavra *prosódia* é utilizada somente como sinónimo de correcta pronúncia: "Atente-se na exacta pronúncia das seguintes palavras, para evitar uma *silabada*, que é a denominação que se dá ao erro de prosódia."

Nos últimos anos, o termo *prosódia* voltou a ser utilizado com frequência e os estudos sobre factos prosódicos multiplicam-se, incidindo sobre os aspectos que, como vimos, eram referidos pelos primeiros gramáticos. Assim, e sem citar de momento trabalhos especializados, lembro apenas que em 1983, a *Gramática da Língua Portuguesa* de Mateus, Brito, Duarte, Faria e Villalva inclui um capítulo denominado Prosódia.

Vejamos agora como são referidos os factos prosódicos nas obras já mencionadas. A consideração da *sílaba* é uma constante em todos os estudos gramaticais, seja para a identificar, seja para indicar a diferença de duração ou para caracterizar a sílaba 'predominante'. Para Fernão de Oliveira, a sílaba "dizem os grammaticos que e vocabulo grego e quer dizer ajuntamento de letras", enquanto que para João de Barros ela é "ajuntamento de uma vogal com uma e duas e às vezes três consoantes que juntamente fazem uma só voz". De um modo geral, este é o conceito que implicitamente aceitam os gramáticos, ainda que o possam exprimir de forma mais musical (como João de Deus, 1909,

para quem "syllaba é o que a gente diria n'uma pancada, se fallasse a compasso") ou de modo mais pedagógico (para Martins Sequeira, 1938, "a cada emissão de voz corresponde uma sílaba"; para Cunha e Cintra, "a cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração damos o nome de sílaba"; para Bechara a sílaba é "um fonema ou grupo de fonemas emitido num impulso expiratório"). Quase diria que estas últimas definições simplificadas de sílaba se podem aproximar da que se encontra na gramática filosófica de Couto e Melo (1818), já que para ele a "sílaba é a expressão de qualquer som elementar".

A determinação da sílaba tónica está muitas vezes incluída na relação que ela possui com o acento, sendo denominada *predominante*, *forte* e *tónica*. Sobre ela diz João de Deus, ao estabelecer 'regras prosódicas': "a leitura das vogaes varia muito, e subordina-se d'uma maneira geral, à regra da *syllaba forte* ou *dominante*". Martins Sequeira fala do acento tónico ou predominante que é "o reforço de intensidade com que esta sílaba se pronuncia". Nos mais recentes estudos fonológicos sobre o acento a sílaba tónica é o ponto de *proeminência* da palavra.

Os gramáticos antigos não propõem a divisão interna das sílabas, mas apenas estabelecem entre elas distinções decorrentes da *quantidade* e da *intensidade* ou acento. Em F. de Oliveira, "a Quantidade das syllabas da nossa lingua e muy facil de conhecer: porque as vogaes em si dão certa voz destinta as grandes das pequenas e as pequenas das grandes".

João de Barros considera que "toda syllaba tem três accidentes: número de leteras; espaço de tempo; acento alto ou baixo.[...]Espaço de tempo, porque umas são curtas e outras longas, como nesta dição – Bárbara – [em] que a primeira é longa, e as duas são breves. [...]"

Soares Barbosa define duração das sílabas de forma bem mais completa: "a duração é toda relativa, como é a das notas da musica, em que uma não é mais longa senão comparada com outra que o é menos, [...] e assim na pronunciação de uma Lingua as syllabas medem-se não pelo vagar ou pela velocidade accidental da mesma pronunciação, mas relativamente às proporções immutaveis que as fazem ou longas ou breves". Segundo o autor, "uma syllaba póde ser breve ou longa por duas razões, ou por *natureza* ou por *uso*".

Formula em seguida regras relativas às sílabas longas e breves por natureza (e que, segundo Barbosa, são "as mesmas em todas as Linguas"), e regras relativas à quantidade das syllabas determinada pelo uso.

A relação entre factos prosódicos estabelecida pelos primeiros gramáticos revela a intuição de que se trata de aspectos físicos do som todos eles inter-conjugados. Assim, o acento, o tom e a quantidade são muitas vezes definidos por interacção. Para Fernão de Oliveira: "Acento quer dizer principal voz ou tom da dicção o qual acaba de dar sua forma e melodia as dicções de qualquer lingua" e para João de Barros (1540): "O terceiro acidente da sílaba, é canto alto ou baixo, porque como os músicos alevantam e abaixam a voz cantando, assi nós temos a mesma ordem, como nesta dicção *le-mos* que na primeira sílaba alevantamos e na segunda abaixamos."

A mesma relação entre factos prosódicos se encontra em Couto e Melo (1818) que, depois de definir o "*Som da voz humana* ou som articulado [como] a sensação causada no sentido auricular pelo organ da fala", a "*Voz* [como] a inflexão do som causada pela diferente abertura da bôca e sem união dos beiços, nem da lingua, nem dos dentes, nem da garganta", a "*Articulação* [como] a inflexão do som causada pela diferente união dos beiços, da lingua, dos dentes e da garganta" e o "*Tom* [como] a inflexão do som causada pela sua elevação", diz que "Á três espécies de *sílabas*, relativamente á duração dos sons, que elas expressam, a saber: 1ª *Longas*, 2ª *Breves*, 3ª *Brevísimas* [e] á três espécies de *sons* relativamente ao *tom* e *duração*, a saber:

1ª Agudos; 2ª Graves; 3ª Baixos

*Som-agudo* ou *acuminado* é o, que se expressa com agudêza ou elevação: v.g. *á, é*, etc.

*Som-grave* ou *extenso* é o, que se expressa com gravidade ou extensão: v.g. *â, ê*, etc.

*Som-baixo* ou *curto* é o, que se expressa com menor agudêza e extensão, que a do agudo e a do extenso: v.g. *a, e*, etc."

A interacção entre acento e tom é a que mais frequentemente é explicitada. Para Bento Pereira, em 1666, "*Accento* val o mesmo que o *tom* que damos às syllabas em cada dicçam, levantando, abatendo ou pronunciando sem abater e sem levantar." O acento agudo levanta a voz, o grave abaixa-a e o circunflexo participa de ambos.

Na Ortografia de Madureira Feijó (1734) também se encontra uma definição de acento, já que a obra tinha como objectivo escrever uma ortografia diferente das outras, o que justifica a sua preocupação com questões da língua oral: "*Accento*, como aqui se escreve, he huma palavra derivada do verbo latino *Accino*, que significa cantar, ou entoar suavemente com outros; e *Accento* he aquelle tom, que na pronunção das palavras faz cada huma das vogaes junta com outras letras, a que chamamos *Syllaba* [...] *Accento Agudo* he aquelle som, com que se levanta a voz na pronunção de alguma *Syllaba*, carregando, ou ferindo a vogal com toda a força de vogal. [...] *Accento Grave* he aquelle tom, com que se deprime, ou abate a voz na pronunção de alguma *syllaba*, não carregando, ou ferindo a vogal, senão levemente. [...] *Acento Circumflexo* he aquelle, com que parte se levanta, e parte se abaixa a voz na pronunção de alguma *syllaba*." (O sinal deste *accento* são duas risquinhas fechadas em cima, e abertas em baixo sobre a vogal ...).

A etimologia da palavra *acento* e a sua relação com o tom são retomadas por Meldola no ano seguinte (1735), na sua Gramática "impresa a custas do Author". Segundo Meldola, o acento tem ainda importância para desfazer ambiguidades e marcar alternâncias vocálicas.

Também Lobato (1771), ainda no século 18, observa que "o *Tom*, que na pronunção de qualquer palavra faz cada *syllaba*, levantando ou deprimindo a voz nas vogaes he o que se chama *accento*."

Passando às gramáticas filosóficas, encontramos em Bernardo de Lima (1783) uma relação entre *som*, *acento* e *classes gramaticais*, de acordo com a sua definição das três partes da gramática: o *som* que representa o *Agente*, ou Nominativo; o *som* que mostra a *Acção*, ou verbo, e o *som* que faz as vezes de *Accionado*, paciente ou caso. Incluída na primeira parte ocorre uma definição de acento: "O *Accento* dos *Agentes*, *Nominativos* etc. he hum'a especie de canto; pois algum'as vezes constão aquelles de articulação, tempo, aspiração, e paixão."

Soares Barbosa designa o acento de "*canto acrescentado à palavra*, ou *tom*", definindo-o como "a maior ou menor elevação relativa com que se pronunciam as vozes, nascida da maior ou menor intensidade que as fibras da glotte dão ao seu som [...] Os *accentos* simples são dois, agudo e grave. O agudo é aquelle com que levanta-

mos o tom da voz sobre qualquer syllaba, e a apoiamos com mais força. [...] O *accento grave* pelo contrario é aquelle com que depós de levantar o tom da voz, o abaixamos em uma ou mais syllabas, pronunciando-as com menos força e intensidade. [...] D'estes dois *accentos* é composto o *accento circumflexo*, que é aquelle com que sobre a mesma syllaba em diferentes tempos levantamos e abaixamos successivamente o tom da voz." Os acentos, finalmente, estão sujeitos a princípios gerais (como "O *accento agudo* não tem lugar senão em uma das tres ultimas syllabas de qualquer vocabulo [...] Se passasse para traz, a pronunciação das syllabas que se lhe seguissem, seria tão veloz e precipitada, que umas atropelariam as outras, como se póde vêr por experiencia.)

A relação entre *acento* e *entonação*, com as consequentes análises dos factores físicos que os integram, encontram-se desde o início deste século. Em A.T. (1903) elas são apresentadas de forma simplificada, excluindo o *timbre* dos fenómenos prosódicos: "*Acentos prosódicos* são os sinais suplementares que modificam os sons das vogaes.[...] *Entonação* é a modulação ou mudança que fazemos da voz para adequarmos o tom da palavra ao sentido da idéa que exprimimos [pergunta, resposta, exclamação]. Entonação tambem existe na *palavra isolada* e distingue dialectos. Não devemos confundir a entonação com o *timbre* da voz. Timbre é a qualidade que nos faz distinguir a voz das diversas pessoas conhecidas como distinguimos o som da flauta ou do clarinete quando dão a mesma nota em uma afinação."

Aliás, o que é a *entonação* senão aquilo de que trata F. de Oliveira quando diz: "Examinemos a melodia da nossa lingua e essa guardemos como fezerão outras gentes: e isto desdas mais pequenas partes tomando todas as vozes e cada huma por si e vendo em ellas quantos diversos movimentos faz a boca com tambem diversidade do som e em que parte da boca se faz cada movimento porque nisto se pode discutir mais destintamente o proprio de cada lingua"

A conjugação das propriedades físicas dos sons na caracterização do acento continua a ser posta em relevo nos trabalhos realizados nas últimas décadas. O seu carácter misterioso levou Rigault a dizer, em 1970: "c'est un phénomène extrêmement fuyant, très difficile à saisir, sinon insaisissable: il est là, sans y être, tout en y étant". Nos estudos gramaticais mais recentes, abranjam eles todos os aspectos da



língua ou incidam especialmente sobre questões de fonética e fonologia, verifica-se que a interrelação entre as propriedades físicas que subjazem aos factos prosódicos é posta em relevo mas com discriminação dos diferentes factores. Em Morais Barbosa (1965), as observações sobre o acento evidenciam a sua complexidade: "On constantera d'abord que l'accent portugais n'est pas de type mélodique. Ceci n'exclut évidemment pas que certains facteurs mélodiques contribuent à la mise en relief accentuelle [...]"

Delgado Martins (1982) define e trata separadamente os parâmetros acústicos do acento e da entoação: "Ces paramètres sont la durée, l'intensité, la fréquence fondamentale et l'énergie".

Em Mateus, Brito, Duarte, Faria e Villalva (1983), "o acento e a entoação são traços prosódicos que têm, na língua portuguesa, funções linguísticas relevantes. Ambos estão relacionado com os aspectos de intensidade, duração e altura do som, e tornam-se perceptíveis pelo contraste que entre si estabelecem estas propriedades físicas que ocorrem necessariamente conjugadas.

Por fim, um facto prosódico assinalado pelos nossos primeiros gramáticos, a *aspiração*, deixou de ser referido, compreensivelmente, para o português. Para Fernão de Oliveira "aspiração e hum grande espirito, grande digo eu em cõparação do acostumado nas letras e vozes: e esse grande espirito arrancado do estamago". No entanto, acrescenta o gramático, ela não existe "nestas terras". Três séculos depois, Soares Barbosa volta a falar de um acento de aspiração, definindo-o como "a maior influencia e volume do ar que o pulmão faz sair com impeto pela glotte, quando esta fórma o som que depois se converte em voz." E acrescenta: "A Língua Portuguesa defferença-se muito n'esta parte da Língua Castelhana, que é abundantissima de aspirações, e por isso se faz algum tanto aspera e fatigante. [...] A nossa não usa d'ellas senão nas interjeições..."

De forma brevíssima pode afirmar-se que a prosódia, englobando todos os factos prosódicos que hoje nela estão integrados, manifestou grande pujança até finais do século 19, entrou em declínio e permaneceu oculta durante boa parte do século 20, e reacendeu-se nas últimas décadas deste século beneficiando das possibilidades que oferecem os estudos experimentais e os modelos de formalização. Nos últimos anos, tanto na fonologia como na prosódia (e parafraseando Laks

e Plénat) assiste-se mesmo a uma ancoragem dos modelos prosódicos com a substância fonética, permitindo uma nova visão entre descrição e explicação dos factos prosódicos.

Será útil o estudo da prosódia? É ainda Meldola quem no-lo diz: "He necessario para a boa Pronuncia e para conhecer a medida das syllabas para lhes poder dar seu verdadeiro tom visto que muitas palavras, fazem hum sentido todo diverso quando se pára com a voz n'ua ou n'outra sillaba, posto ser huma mesma palavra, e escreve-se com as proprias letras".

Mas, desconfiado de que tais questões sejam do agrado de todos, Bernardo de Lima, filosófico, adverte: "Ainda que só se trate da vogal breve, e da longa circumflexa ^, e da longuissima, ou aguda ´; he esta a materia que affugenta os Grammaticos, principalmente sobre as medias, por terem hum'as regras, cujas excepçoens, são muitas vezes quasi iguaes aos exemplos. Eu as remeto para o Diccionario, e por isso não ponho mais que as excepçoens das iniciantes e terminantes."

Apesar desta advertência, não acredito que tudo se possa remeter para o dicionário. Senão como poderia, esta prosódia que nós amamos, ter já constituído uma das mais importantes partes de toda a gramática?

## Referências

- ANDRADE, João Nunes de (1841) *Grammatica elementar da lingua portugueza por systema philosophico*. Lisboa: Typog. A.S.Coelho.
- A.T. (1903) *Estudo da lingua vernacula contendo o ensino methodico de etymologia, prosodia e orthographia*, pelo professor....Rio de Janeiro.
- AZEVEDO, Domingos de (1880) *Grammatica Nacional ou Methodo Moderno para se aprender em 24 lições a fallar e a escrever sem erros e mesmo sem auxilio de mestre a lingua portugueza*. Lisboa: Liv. Antonio Maria Percira
- BARBOSA, Jeronimo Soares (1822) *Gramatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios da Grammatica Geral applicados à Nossa Linguagem*. Lisboa: Tip. da Academia Real das Sciencias. (data da introdução: 1803)
- BARBOSA, Jorge de Moraes (1965) *Études de Phonologie Portugaise*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- BARROS, João de (1540) *Grammatica da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Luis Rodrigues.

- BECHARA, Evanildo (1969) *Moderna Gramática Portuguesa*. S. Paulo: Companhia Editora Nacional. (13ª ed.)
- CALOU, Dinah e Yonne LEITE (1990) *Iniciação à fonética e à Fonologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- CARDOSO, Simão (1994). *Historiografia Gramatical (1500-1920)*. Porto: Faculdade de Letras do Porto
- CARVALHO, Joaquim José Coelho de (1910) *Prosodia e ortografia* Lisboa: Imprensa Nacional.
- CARVALHO, A.J. de e João de DEUS (1895) (5ª ed.) *Diccionario Prosodico de Portugal e Brazil*.
- CUNHA, Celso e Lindley CINTRA (1984) *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: João Sá da Costa.
- DAVID, Abílio e Fernando MENDES (1891) *Curso de Grammatica Portuguesa*. Lisboa: J.J.Nunes & C.ª
- FEIJÓ, João de Morais Madureira (1734) *Orthographia ou Arte de Escrever e pronunciar com acerto a Lingua Portugueza para uso do Excellentissimo Duque de Lafoens*. Lisboa: Na Regia Officina Typografica.
- FERREIRA, J. de Azevedo (1989) *Bibliografia Selectiva da Língua Portuguesa*. Braga.
- LIMA e Melo Bacelar, Fr. Bernardo de (1783) *Grammatica philosophica e orthographia racional da lingua portugueza, para se pronunciarem e escreverem com acerto os vocabulos d'este idioma*. Lisboa: Off. de Simão Thaddeo Ferreira (o nome verdadeiro deste autor é Fr. Bernardo de Jesus Maria).
- LOBATO, Antonio José dos Reis (1771) *Arte da Grammatica da lingua portugueza. Composta e offerecida ao Ill.mo e Exc.mo senhor Sebastião José de Carvalho e Mello*. Lisboa: Typographia Rollandiana.
- MATEUS, M.H. Mira, A.M. BRITO, I. DUARTE, I. Hub FARIA e A. VILLALVA (1983) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- MELDOLA, Abraham (1735) *Nova Grammatica portugueza, dividida em seis partes, a saber: 1ª Orthographia. 2ª Etymologia. 3ª Syntaxe. 4ª Prosodia. 5ª Lavoeres da lingua. 6ª Miscellanea*. Hamburgo: M.C. Bock (impresso a custas do Author)
- MELO, João Crisóstomo do Couto e (1818) *Grammatica Philosophica da linguagem portugueza*. Lisboa. Impressão Régia.
- MORAIS SILVA, A. de (1943-58) *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 10ª ed. Lisboa. (fins do séc. XVIII)
- OLIVEIRA, Fernão de (1536) *Grammatica da Lingoagem Portugueza*. Lisboa: e[m] casa de Germão Galharde. (3ª ed. utilizada de Rodrigo de Sá Nogueira)

- PEREIRA, Bento (1666) *Regras geraes, breves e comprehensivas da melhor ortografia, com que se podem evitar erros no escrevr da lingua latina e portugueza, para se ajuntar à Prosodia*. Lisboa.
- PEREIRA, I., A.I. MATA, M.J. FREITAS (1992) *Estudos em Prosódia*. Lisboa: Edições Colibri.
- RAMOS, João de Deus (1909) *Prosódia portuguesa – Estudo prévio da ortografia*. Lisboa.
- VERDELHO, Telmo(1995) *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*. Aveiro: INIC